

A CHINA NA GEOPOLÍTICA DAS VACINAS: A DISTRIBUIÇÃO DE IMUNIZANTES PARA A ÁFRICA À LUZ DA TEORIA DA DEPENDÊNCIA

CHINA IN THE GEOPOLITICS OF VACCINES: THE DISTRIBUTION OF IMMUNIZANTS TO AFRICA IN THE LIGHT OF DEPENDENCE THEORY

Camila Freire dos Santos¹

RESUMO

A presente pesquisa, à luz das análises dos teóricos marxistas da dependência, tem como objetivo investigar se a concentração da produção e distribuição de vacinas pela China está contribuindo para a perpetuação do modelo de exploração capitalista, especialmente quando examinamos as doações para a África. Diante da crise global de saúde provocada pela pandemia de Covid-19, a China se viu obrigada a adotar medidas para conter a disseminação do vírus e reparar os danos à sua reputação internacional. Nesse contexto, os chineses se destacaram ao produzir e distribuir vacinas como parte de sua estratégia para enfrentar esses desafios. No entanto, rapidamente essas vacinas se transformaram em mais uma ferramenta na luta pelo poder e influência a nível global, reforçando a interdependência entre nações ricas e pobres. Conclui-se que, embora a política de fornecer vacinas gratuitamente tenha favorecido o aumento da influência internacional do país, as doações de vacinas chinesas representaram uma fração pequena do volume total de doses exportadas pela China. Isso sugere que a "diplomacia da vacina" pode ser vista como uma estratégia de abordagem inicial que criava as condições para a oferta de imunizantes a baixo custo e com pouca resistência, reforçando, assim, um padrão de exploração.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da dependência; Covid-19; China; África; capitalismo.

ABSTRACT

In light of the analyses of Marxist theorists of dependency, the present research aims to investigate whether China's concentration of vaccine production and distribution is contributing to the perpetuation of the capitalist exploitation model, especially when examining donations to Africa. Faced with the global health crisis caused by the Covid-19 pandemic, China was compelled to take measures to contain the virus's spread and repair the damage to its international reputation. In this context, the Chinese have stood out by producing and distributing vaccines as part of their strategy to address these challenges. However, these vaccines quickly became

¹ Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

another tool in the global power and influence struggle, reinforcing interdependence between wealthy and impoverished nations. It is concluded that while the policy of providing vaccines for free has favored the increase in the country's international influence, Chinese vaccine donations represented only a tiny fraction of the total volume of doses exported by China. This suggests that the "vaccine diplomacy" can be seen as an initial approach strategy that created conditions for the provision of low-cost and low-resistance non vaccines, thereby reinforcing a pattern of exploitation.

KEYWORDS: Dependency Theory; Covid-19; China; Africa; Capitalism.

INTRODUÇÃO

A Covid-19 é uma doença respiratória grave de origem zoonótica. O primeiro caso foi notificado em dezembro de 2019 na China, mas somente em março de 2020 foi classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia global. Segundo estimativas da OMS, a Covid-19 resultou na perda de quase 15 milhões de vidas em todo o mundo.

Embora o governo chinês tenha feito grandes contribuições para retardar a propagação do vírus, não demorou muito para que ele causasse uma crise na saúde pública global. A China foi criticada internacionalmente e considerada responsável pela propagação do vírus por alguns líderes mundiais, principalmente pelo presidente Donald Trump que apelidou o coronavírus de "vírus chinês". Tais acusações provocaram danos à reputação do país asiático e fez com que ele buscasse outros meios para a superação da crise sanitária e recuperação de imagem. Enquanto os países ocidentais se ocupavam de imunizar sua própria população, os chineses – munidos de expressiva capacidade tecnológica e sabendo que as vacinas e medicações são elementos de cooperação e projeção internacional – vislumbraram a possibilidade de ampliar sua influência entre os países periféricos auxiliando-os no combate à pandemia. Em maio de 2020, durante a 73ª Assembleia Mundial da Saúde, o presidente Xi Jinping declarou que as vacinas chinesas seriam um "bem público global" acessível aos países em desenvolvimento (Brasil de Fato, 2021).

Assim, imediatamente após o país ter prestado auxílio a outras nações que enfrentaram dificuldades devido à pandemia nos últimos meses de 2020, surgiu o fenômeno conhecido como "Diplomacia das Vacinas". Esse termo refere-se aos esforços diplomáticos empreendidos por diversos Estados com o propósito de

facilitar o acesso global às vacinas contra a Covid-19. Nesse contexto, a África beneficiou-se consideravelmente da assistência da China. Além de doar uma quantidade significativa de doses, a China emergiu como um ator relevante no continente africano, contribuindo não apenas com doações de imunizantes, mas também estabelecendo parcerias bilaterais abrangentes com países africanos. Essas colaborações incluem iniciativas nos domínios da ajuda externa, comércio e até mesmo o desenvolvimento de infraestrutura (Bridge Beijing, 2022). Entretanto, em uma realidade onde a vacina não é vista como um bem comum, mas sim como uma disputa de poder mundial e financeiro entre grandes Estados, pode ser instituída uma relação de dependência entre países ricos e pobres.

O presente artigo tem como propósito principal entender os interesses chineses com a diplomacia da vacina – considerando, principalmente, a doação de vacinas aos países africanos. A pesquisa está centrada na análise das contribuições marxistas da teoria da Dependência, com um foco particular nas dimensões cruciais dessa corrente teórica. Isso inclui a exploração da Lei Geral da Acumulação Capitalista de Marx², a deterioração dos termos de troca e a forma como o capitalismo atua como uma força motriz subjacente a todas as relações internacionais.

Segundo Ruy Mauro Marini (1973), um dos proeminentes autores da Teoria da Dependência Marxista (TDM), a incapacidade do capitalismo de replicar com sucesso experiências de desenvolvimento econômico nos países periféricos levanta sérias dúvidas sobre a capacidade de se libertarem da dependência em relação às nações consideradas "colonizadoras". Como resultado, o subdesenvolvimento persiste. Em resumo, os teóricos da dependência marxista sustentam que os países periféricos continuam a ser moldados pelas nações hegemônicas, que impõem padrões estruturais a fim de impulsionar o processo de acumulação nos países centrais.

² Na obra *O Capital* (1867), Marx constata a existência de uma consequência lógica inevitável do funcionamento desse modo de produção. Essa produção crescente se concretiza em um número cada vez maior de mercadorias, com o capital expandindo-se tendencialmente a todas as esferas da produção de riqueza da sociedade. Parte da mais-valia é aplicada novamente na produção a fim de constituir uma capacidade produtiva acrescida. Progressivamente, as forças produtivas são ampliadas por essa lógica sistêmica, chamada por Marx de acumulação. O processo de acumulação do capital significa, portanto, o uso ampliado de meios de produção e força de trabalho para a produção crescente de mercadorias.

Empregando uma metodologia que analisa a distribuição de vacinas, com ênfase na doação para a África, concluímos que, apesar do discurso que enfatiza a política de vacinação gratuita, as vacinas doadas pela China representam apenas uma pequena fração do volume total de doses exportadas. Diante desses dados, nosso objetivo é avaliar o comportamento chinês dentro da periferia do sistema e questionar se, no contexto da doação de vacinas para os países africanos, a China está repetindo o padrão de expansão típico de uma nação central dentro do sistema capitalista.

A TEORIA DA DEPENDÊNCIA: UMA LEITURA SOBRE A ECONOMIA-MUNDO

A Teoria da Dependência (TD) surge como uma tentativa de interpretar o desenvolvimento socioeconômico dos países latino-americanos expondo, dentre outros aspectos, as insuficiências explicativas da antiga Teoria Desenvolvimentista – conceito que deu origem à Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), escola de pensamento especializada no exame das tendências econômicas e sociais dos países da América Latina. Mesmo depois de mais de setenta anos da publicação do texto inaugural de Raúl Prebisch (1949), a CEPAL ganha cada vez mais o benefício do tempo para avaliar o significado e o impacto das teses elaboradas pelo grupo de economistas e cientistas sociais da época. Os autores ligados à CEPAL foram responsáveis pela articulação de uma abordagem única sobre as economias latino-americanas, que expôs o subdesenvolvimento econômico a partir das lentes dos países periféricos. Devido aos impactos na política econômica da América Latina, as ideias cepalinas encontraram um terreno fértil no Brasil, particularmente, nas teses de Celso Furtado (1984), Aníbal Pinto (1970) e Osvaldo Sunkel (2000). Aqui, elas tiveram alta recepção entre técnicos governamentais e entre elites econômicas interessadas em uma política industrializante.

Em particular, a TD aponta para a ideia de que, ao contrário do que defendia a Teoria Desenvolvimentista, o subdesenvolvimento não seria apenas uma fase preliminar para que fosse alcançado o desenvolvimento pleno, mas sim uma condição imposta pelo sistema capitalista. A Teoria da Dependência buscava, então, “compreender as limitações de um desenvolvimento iniciado em um período em que

a economia mundial já estava constituída sob a hegemonia de enormes grupos econômicos e poderosas forças imperialistas” (Santos, 2000, p. 26). A Teoria é segmentada em duas correntes: a marxista e a weberiana. Idealizada por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto na década de 1960, o ponto de partida da vertente weberiana foi o fracasso do processo de substituição de importações e do projeto nacional-desenvolvimentista – ideologia que, com o apoio das teorias da CEPAL, visava construir um capitalismo autônomo no Brasil. Os autores acreditavam que o subdesenvolvimento seria interrompido com o Estado planejando e investindo na industrialização. Com isso, os autores não condenam a dependência; ao contrário, ela é um fato e pode ser benéfica quando vinculada ao modelo capitalista dependente-associado. Já a vertente marxista, desenvolvida à luz da Revolução Cubana (1959) e da entrada de capital estrangeiro em países latino-americanos, pondera que o capitalismo autônomo é, em essência, uma armadilha burguesa. Portanto, para a vertente marxista, a dependência deve ser entendida como subordinação entre nações, na qual algumas economias estão atreladas a outras e tal relação nunca será favorável aos países periféricos.

O presente artigo analisa as contribuições marxistas da dependência, enfatizando dimensões centrais desta corrente teórica tais como a Lei Geral da Acumulação Capitalista de Marx, a deterioração dos termos de troca e o modo como o capitalismo tende a atuar como força motriz a partir da qual todas as relações internacionais se manifestam. De acordo com Ruy Mauro Marini (1973), um dos principais autores da Teoria da Dependência Marxista (TDM), dada a incapacidade de o capitalismo reproduzir nos países periféricos experiências bem-sucedidas de desenvolvimento econômico, os países emergentes, na maioria dos casos, não têm potencial de romper com a dependência em relação aos chamados “países colonizadores” e, conseqüentemente, com o subdesenvolvimento. Fundamentalmente, há duas perspectivas nas relações e divisões internacionais do trabalho: uma em que os países estão destinados à apropriação do lucro e, outra, diametralmente oposta, em que os demais países estão condenados à miséria. Isto posto, a dependência deve ser entendida como subordinação entre nações, na qual a economia de certos países está atrelada a outros, ou seja, para que se tenha desenvolvimento em países ricos, é indispensável a existência do subdesenvolvimento em outros países.

Por esse ângulo, a América Latina, por exemplo, tenderia a aprofundar cada

vez mais as relações de dependência frente aos países centrais. Fonte de bens primários, os países latino-americanos continuam vivendo à serviço de necessidades destinadas aos países ricos. Isto é, na medida em que amplia a oferta, é estimulada a redução dos preços dos produtos primários no mercado mundial. Contudo, o sistema de dependência não só atua em função do mercado externo dominante, mas também viabiliza créditos que partem dos empréstimos e aplicações externas nos mercados domésticos dependentes. À vista disso, Marini (1973) argumenta que as relações dos países periféricos com os países centrais se apresentam como uma espiral de endividamento, fruto da reinvenção das relações de subordinação que asseguram a reprodução da dependência.

Em resumo, é possível inferir que o capitalismo é um fenômeno sistêmico, o que implica que o desenvolvimento não seria autônomo, mas sim estaria sujeito aos desdobramentos das economias centrais. Isso resulta em uma estrutura de dominação, ou seja, essa complexa rede de dependência reforça o desequilíbrio no intercâmbio entre as regiões centrais e periféricas do mundo. Dessa forma, ao explorar a geopolítica da vacina e determinar se a concentração da produção e distribuição de vacinas pela China para a África está reproduzindo o modelo de exploração capitalista delineado pela Teoria da Dependência, é essencial analisar a posição da China no sistema global. Como uma das principais produtoras de vacinas do mundo, a China exerce um papel de destaque nas relações internacionais. A seção subsequente examinará a posição da China nesse contexto e como sua abordagem em relação às vacinas pode ter impacto nas dinâmicas econômicas globais, particularmente no que diz respeito à África.

A CHINA NO CENÁRIO GLOBAL E A RELAÇÃO SINO-AFRICANA

Para compreender as interações entre as nações e a discussão acerca da geopolítica da vacina, considerando a interligação intrínseca entre economia e sociedade, é imperativo avaliar a organização econômica global e o papel desempenhado pela China nesse contexto. Anteriormente classificada como uma nação periférica, a China desafia a atual configuração do sistema capitalista global e, em 2015, conquistou a posição de segunda maior economia global (Li, 2017, p. 21). Com um Produto Interno Bruto (PIB) estimado de cerca de US\$ 14,72 trilhões (Banco Mundial, 2020) e reservas internacionais na ordem de US\$ 3,218 trilhões

(Banco do Povo da China, 2021), os chineses mantêm taxas de crescimento notáveis e ocupam a posição de segunda maior economia mundial, almejando abertamente uma influência global expansiva.

Uma das manifestações mais evidentes dessa ascensão chinesa foi o surgimento de um parque industrial sólido e diversificado. Decorrente desse modelo industrial, emergem duas implicações fundamentais: a necessidade de explorar novas fontes de matérias-primas e a busca por mercados consumidores para os produtos chineses. Nesse contexto, a África despontou como um parceiro altamente atrativo. A disponibilidade abundante de recursos primários, combinada com um mercado com potencial de demanda, estimado em um bilhão de indivíduos, tornou a África uma das prioridades da diplomacia chinesa. Examinar esse fenômeno à luz da Teoria da Dependência, avaliando as relações sino-africanas e as alterações estruturais que isso implica no sistema econômico global, revela-se uma tarefa essencial para abordar a questão subjacente sobre a distribuição de vacinas.

A relação entre a China e a África reflete um padrão clássico de comércio, no qual a África exporta produtos primários e commodities, enquanto a China exporta produtos manufaturados de maior valor agregado. Essa dinâmica, que não é exclusiva da relação China-África, encaixa-se na estrutura global de comércio. Além disso, na África, a China começou a investir em unidades de manufatura a partir de 2005, transferindo parte de sua produção para o continente. Isso se deu devido ao aumento dos custos de produção na China, incluindo salários mais altos e valorização da moeda chinesa (Castillo; Pacifico; Silva, 2020). Em 2015, com o anúncio do governo chinês de sua intenção de cooperar industrialmente com a África, houve uma relocação de unidades industriais chinesas para o continente.

Essa transferência de unidades produtivas segue um modelo denominado "Flying Geese Pattern" ou "padrão do voo dos gansos", proposto por Kaname Akamatsu na década de 1930. Nesse modelo, um país líder impulsiona o desenvolvimento industrial em países menos desenvolvidos, criando uma formação em V invertido. O país líder transfere produção menos rentável ou obsoleta para os países seguidores, aproveitando vantagens comparativas, como mão de obra mais barata. No entanto, ao longo do tempo, as atividades de baixo custo tendem a permanecer nos países seguidores, enquanto as de alto valor agregado ficam no país líder. Essa transferência de tecnologia para a periferia é um dos pontos destacados pela Teoria da Dependência. De acordo com a abordagem teórica, as

economias centrais transferem para as economias periféricas as etapas inferiores da produção industrial, mantendo as etapas mais avançadas e lucrativas para si mesmas. Isso resulta em uma relação de dependência na qual as economias periféricas são condicionadas pelo desenvolvimento das economias centrais.

Por conseguinte, a Teoria da Dependência argumenta que a industrialização impulsionada pela transferência produtiva pode perpetuar o subdesenvolvimento, já que as economias periféricas recebem tecnologia ultrapassada e são exploradas de diferentes maneiras. A alocação de tecnologias obsoletas é vista como uma das principais causas da continuação do subdesenvolvimento nos países periféricos. Portanto, de acordo com essa perspectiva, a industrialização dos países em desenvolvimento através da transferência de produção pode contribuir para a perpetuação do subdesenvolvimento.

No contexto da pandemia, como parte da cooperação Sul-Sul, a China fez um compromisso em fevereiro de 2021 para fornecer vacinas contra a Covid-19 a dezenove nações africanas. Posteriormente, durante a 8ª Reunião Ministerial do FOCAC³ em 30 de novembro de 2021, a China renovou seu compromisso, prometendo disponibilizar um total de 1 bilhão de doses de vacinas para a África. Deste montante, 600 milhões de doses seriam doadas, enquanto outras 400 milhões de doses seriam produzidas em colaboração entre empresas chinesas e países africanos relevantes. De acordo com os dados do Bridge Beijing, atualizados em dezembro de 2022, 47 países africanos receberam vacinas da China. Das 186 milhões de doses vendidas e das 80 milhões prometidas como doações para a África, a China conseguiu entregar 125 milhões, das quais apenas 31 milhões foram distribuídas como doações.

Em resumo, a ascensão econômica da China e sua relação com a África desempenham um papel crucial na análise da geopolítica das vacinas. A transferência de produção para a África, embora siga um modelo de desenvolvimento industrial, suscita preocupações sobre a dependência e a perpetuação do subdesenvolvimento. Além disso, a promessa de fornecimento de vacinas para a África por parte da China não foi inteiramente cumprida, destacando, assim, a complexidade das relações internacionais e da distribuição de recursos em

³ Fórum de Cooperação China-África.

um mundo cada vez mais interconectado.

A PRODUÇÃO DE IMUNIZANTES E A ESTRUTURA DAS INDÚSTRIAS DE VACINAS NA CHINA

Com o surgimento do vírus SARS-CoV-2, ocorreram repercussões de natureza multifacetada que, devido à sua complexidade, afetaram os padrões econômicos e sociais em todo o mundo. Nesse novo contexto, de forma reativa, houve um impulso na busca e produção em larga escala de vacinas em um espaço de tempo consideravelmente curto. Essa resposta vigorosa e urgente à crise sanitária foi especialmente notável na China, um país com uma robusta indústria farmacêutica e hospitalar, apoiado tanto pelo fornecimento de insumos e equipamentos médicos, quanto pela quebra de patentes.

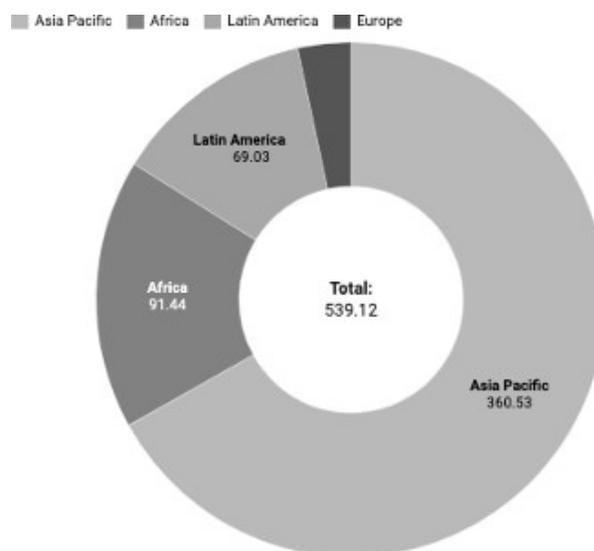
O progresso da indústria farmacêutica chinesa, como observado por Ding (2011), está intrinsecamente ligado à expansão de sua economia. Desde a abertura econômica em 1978, a taxa média anual de crescimento da produção industrial farmacêutica aumentou em 16,6%. Ademais, investimentos substanciais em educação e tecnologia desempenharam um papel fundamental na competitividade global de seus medicamentos. Atualmente, as universidades chinesas não somente possuem instalações de pesquisa avançadas, mas também se destacam, sobretudo, como centros de referência no campo da inovação e desenvolvimento.

No que diz respeito à diplomacia chinesa, desde o início da pandemia, a China promoveu o que é conhecido como "diplomacia internacional da saúde". Inicialmente, essa abordagem estava centrada na oferta de máscaras e equipamentos de ventilação para hospitais, como destacado por Junqueira (2021). Adicionalmente, o país prestou assistência a outras nações que enfrentavam desafios durante a pandemia. Nos últimos meses de 2020, essa iniciativa foi transformada na "diplomacia das vacinas", à medida que a China buscava se posicionar como líder global no combate à pandemia. É notável que, entre os países autorizados a praticar a diplomacia das vacinas, a China se destacou devido à capacidade de suas indústrias de produzir vacinas contra a Covid-19. Empresas como CanSino Biological Inc, Sinopharm, Beijing Institute of Biotechnology e Wuhan Research Institute estavam realizando testes clínicos de fase 3 em quatro vacinas de uso limitado, enquanto desenvolviam duas vacinas na fase 2 e quatro na fase 1

em setembro do mesmo ano, conforme dados fornecidos pela Bridge Consulting Beijing.

Em 7 de maio, a Organização Mundial da Saúde oficialmente aprovou a vacina inativada contra a Covid-19 desenvolvida pelo Beijing Bio-Institute of Biological Products Co- Ltd. (BBIBP) sob a China National Pharmaceutical Group Corporation (Sinopharm) para uso emergencial. Esta foi a primeira vacina chinesa contra a Covid-19 a receber essa aprovação. A Sinopharm é uma empresa chinesa que atua como distribuidora de produtos farmacêuticos e prestadora de serviços de cadeia de suprimentos de valor agregado. O Grupo Sinopharm é controlado pela Sinopharm Industrial Investment, uma joint venture do China National Pharmaceutical Group (propriedade estatal) e pela Fosun Pharmaceutical (empresa privada).

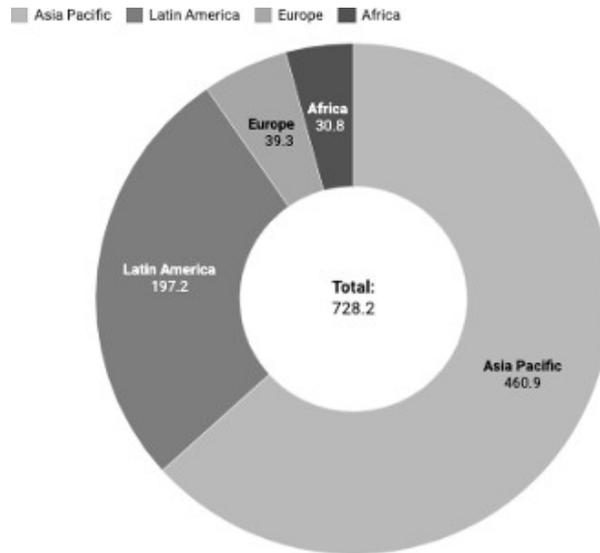
Figura 1: Entregas feitas pela Sinopharm



Fonte: Bridge Consulting, 2022

Como mostra o gráfico, a primeira vacina chinesa é responsável pela distribuição no continente asiático e é um dos imunizantes presentes na África. Para complementar o catálogo de vacinas chinesas, em 1º de junho de 2021, a OMS listou oficialmente a vacina inativada Covid-19 desenvolvida pela empresa biofarmacêutica chinesa Sinovac Biotech Ltd. para uso emergência.

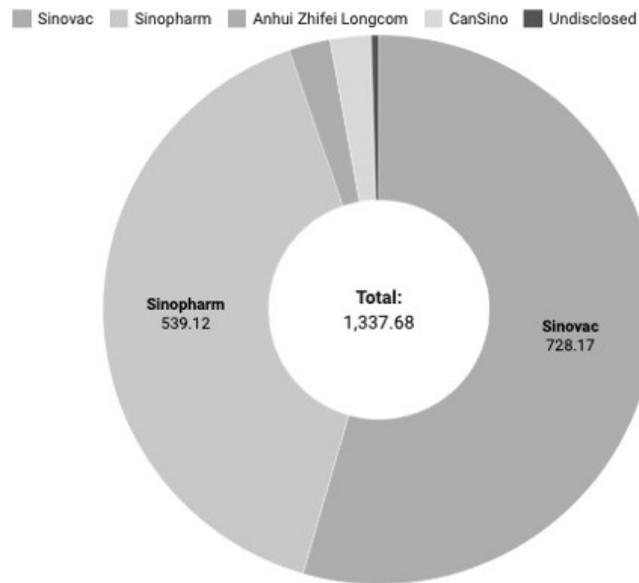
Figura 2: Entregas feitas pela Sinovac



Fonte: Bridge Consulting, 2022

A Sinovac é uma empresa biofarmacêutica pública chinesa que se concentra na pesquisa, desenvolvimento, fabricação e comercialização de vacinas que protegem contra doenças contagiosas. Esta foi a segunda vacina chinesa Covid-19 a receber essa aprovação depois que a vacina inativada Sinopharm Covid-19 foi aprovada para uso emergencial em maio de 2021. Atualmente, ela é responsável pela imunização da maior parte da população asiática e parte do continente latino-americano. Assim, a Sinopharm e a Sinovac têm sido os fabricantes mais proeminentes de vacinas chinesas Covid-19 vendidas e doadas em todo o mundo. Além deles, CanSino e Anhui Zhifei também forneceram vacinas, embora em menor quantidade (Bridge Consulting Beijing, 2022).

Figura 3: Entregas gerais das fabricantes



Fonte: Bridge Consulting, 2022

Pode-se interpretar que a Sinovac é a principal fornecedora de vacinas pela China, tendo vendido 835 milhões de doses e fornecido vacinas para 48 países no total. Por outro lado, a Sinopharm tem sido o principal fornecedor de doações de vacinas da China, fornecendo 97 milhões de doses de vacinas doadas para 79 países (Bridge Consulting Beijing, 2022). Tendo como base os conceitos de industrialização e desenvolvimento apresentados por Celso Furtado (1984), nos quais o autor argumenta que a interdependência entre países periféricos e centrais é uma característica sistemática, torna-se claro que para avaliar se a China está replicando o padrão de exploração capitalista observado na Teoria da Dependência é essencial ponderar sobre outras questões associadas à competição por vacinas, incluindo o comprometimento da China com a África, de forma mais específica.

ANÁLISE À LUZ DA TEORIA DA DEPENDÊNCIA

Um dos dilemas relacionados à corrida pelas vacinas está fundamentado nos compromissos entre os países e suas lideranças políticas. No conjunto de apenas 18 vacinas contra a Covid-19 em uso no ano de 2021, observa-se internacionalmente uma hierarquia quanto à capacidade de produção e aos destinos de distribuição em função de agendas de diplomacia e paradiplomacia competitiva pela vacina em

contraposição às agendas cooperativas de distribuição multilateral.

A questão da geopolítica da vacina, vista sob o prisma estatal – que espelha as agendas unilaterais e comprometidas com grupos farmacêuticos segundo uma lógica de vacinas como bens privados –, expõe a realidade dos países com baixa renda que ficaram isolados da dinâmica, dependentes da retardatária distribuição de vacinas e doações internacionais. Na contramão dessa tendência, desde o início da pandemia, Xi Jinping – presidente da República Popular da China desde 2013 – estimulou o estabelecimento de uma ação mundial em resposta ao surto de infecções do novo coronavírus. Em 18 de maio de 2020, em um discurso feito na assembleia anual da OMS, o líder chinês fez referência à “*Covax Facility*”⁴ e insistiu para que o mundo trabalhasse em harmonia com a instituição, oferecendo suporte à periferia do sistema mundo (The Washington Post, 2020).

Assim, no dia 22 de setembro de 2020, na primeira reunião virtual de líderes mundiais da ONU, o presidente chinês defendeu que o mundo não deveria politizar a luta contra o coronavírus e alertou para os perigos do choque de civilizações. Logo, dando início à distribuição global de vacinas na China, em dezembro de 2020 foi entregue o primeiro lote da vacina Sinovac para a Indonésia e para a Turquia (Bridge Consulting Beijing, 2020). Em março de 2021, Xi Jinping ampliou suas promessas de doação e vendas de vacinas, o que resultou no primeiro pico de entregas. Grandes quantidades foram prometidas para os seguintes países: Indonésia (26M), Brasil (14M), Chile (7M) e México (7M). Dando sequência à diplomacia das vacinas, em agosto de 2021, na primeira reunião do Fórum Internacional sobre Cooperação em Vacinas Covid-19, o presidente chinês prometeu 2 bilhões de doses a serem fornecidas até o final de 2021 e US\$ 100 milhões à Covax. Tornar a vacina chinesa um bem público global, segundo a RPC, seria uma forma de assegurar que os países periféricos tenham fácil acesso ao imunizante. Diante disso, nos meses seguintes, várias parcerias foram estabelecidas com fabricantes de vacinas no exterior para possibilitar o crescimento da produção local – por exemplo, a VACSERA do Egito, que seria o centro que viabilizaria mais exportações de vacinas para a África (Xinhua, 2021).

⁴ Aliança internacional conduzida pela OMS – entre outras organizações – com o objetivo de acelerar a produção de vacinas contra Covid-19 e garantir o acesso igualitário à imunização em todo o mundo.

No final de 2021, com as preocupações com a disseminação da Omicron, nova variante do coronavírus, o presidente da China prometeu oferecer mais 1 bilhão de doses de vacinas contra a Covid-19 – além dos quase 200 milhões que já forneceu ao continente africano. No discurso feito na abertura do Fórum de Cooperação China-África, Xi Jinping também disse que um centro que ultrapassa fronteiras geográficas seria criado para fornecer às instituições financeiras africanas uma linha de crédito de US\$ 10 bilhões (FOCAC, 2021).

A China, em particular, exibe uma clara ambição de fornecer vacinas para países periféricos de várias regiões e, à primeira vista, é difícil avaliar quais motivos estão por trás da diplomacia chinesa. Levando em consideração as declarações oficiais do presidente Xi, todos esses esforços podem ser facilmente descritos como altruístas. No entanto, estudar como a China doa e vende vacinas para diferentes países pode fornecer *insights* sobre os possíveis motivos por trás de tais ações.

À medida que a realidade da pandemia se instalava, logo ficou claro que o continente africano, em particular, enfrentava escassez de equipamentos de proteção devido à crise exacerbada pelo aumento da demanda em todo o mundo. A China rapidamente respondeu a essa demanda. Além das promessas de contribuição de imunizantes, o país ampliou a produção e realizou doações de Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Além disso, como parte da Cooperação Sul-Sul, a RPC se comprometeu no final de fevereiro de 2021 a fornecer vacinas a 19 países africanos. Após a 8ª Reunião Ministerial do FOCAC, realizada em 30 de novembro de 2021, a China fez uma nova promessa de fornecer 1 bilhão de doses de vacinas à África, incluindo 600 milhões de doses como doação e 400 milhões de doses a serem fornecidas por meios como produção conjunta por empresas chinesas e países africanos relevantes. Até à data, 47 países africanos receberam vacinas da China. Embora o ritmo destes acordos tenha acelerado em diversas ocasiões, o número total de vacinas entregues pela China a África permaneceu constantemente baixo.

Figura 4: Total de doses entregues aos países africanos (em milhões)



Fonte: Bridge Consulting, 2022

No âmbito das 186 milhões de doses comercializadas e das 80 milhões de doses prometidas como doações para a região africana, nota-se que a República Popular da China concretizou a entrega de 125 milhões dessas doses. Contudo, é crucial ressaltar que somente 31 milhões delas foram disponibilizadas gratuitamente. O contexto de acessibilidade e disponibilidade de recursos financeiros emerge como um fator crítico que afeta, de maneira acentuada, os países africanos. De forma concomitante aos arranjos bilaterais, é relevante observar a contribuição da iniciativa Covax no fornecimento de vacinas ao continente africano, como apontado na análise da Bridge Consulting Beijing (2022). A política de vacinação gratuita implementada pela China, possivelmente, desempenhou um papel na melhoria da sua imagem internacional e gerou efeitos positivos,

consolidando o aumento do seu poder de influência na região. Essa transformação foi observada após o episódio inicial de escândalo da pandemia, no qual o governo chinês conseguiu recuperar sua reputação, tanto a nível nacional quanto internacional.

Não obstante, os dados apresentados claramente indicam que as doações de vacinas representam uma parcela diminuta do volume total de doses exportadas. Essa realidade implica não apenas em uma crescente dependência do país em relação aos insumos, mas também na estratégia da China de conduzir a diplomacia das vacinas como meio de disponibilizar imunizantes a preços acessíveis e com poucas barreiras para a distribuição. Este cenário reforça o argumento proposto por Marini (1973) de que as relações mantidas pelos países periféricos com os países centrais são caracterizadas por uma espiral de endividamento. Tal fenômeno é resultado da reinvenção das dinâmicas de subordinação que perpetuam a dependência econômica. Em outras palavras, sob a ótica da Teoria da Dependência, a ação da República Popular da China, mesmo sendo uma nação que se considerava periférica, replica a trajetória expansionista de um país central, intensificando assim, as relações de dependência dos países periféricos em relação aos países centrais.

Em resumo, mesmo em meio a uma crise de saúde global, o sistema econômico mundial persiste em sua expansão contínua. Países que possuem acesso à capital financeiro, recursos e tecnologia para a produção de imunizantes, por meio de uma retórica solidária, conseguem controlar o mercado global e colher benefícios. Esse fenômeno reflete a persistente dinâmica do sistema internacional, conforme analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por vacinas contra a Covid-19 revelou uma intrincada interação entre diplomacia, geopolítica e interesses econômicos em um mundo globalizado. A hierarquia na produção e distribuição de vacinas realçou a rivalidade entre as nações, em contraposição à colaboração multilateral. Neste contexto, a China se destacou ao adotar uma abordagem aparentemente altruísta, ao doar e vender vacinas a países em desenvolvimento, notadamente na África.

A estratégia chinesa de disponibilizar vacinas a preços acessíveis e com

poucas barreiras para distribuição desempenhou um papel fundamental na melhoria de sua reputação internacional. No entanto, análises de dados indicam que as doações de vacinas representam apenas uma pequena parcela do volume total de doses exportadas. Isso sugere que a China está fortalecendo sua influência na região, simultaneamente estabelecendo uma crescente dependência por parte do continente africano em relação a ela. Esta dinâmica evidencia que, conforme sugerido pela Teoria da Dependência, a China, mesmo outrora sendo uma nação periférica, parece estar emulando o comportamento expansionista das nações centrais, aprofundando as relações de dependência com os países periféricos. O sistema econômico global continua a se expandir, e a capacidade de controlar o mercado global de vacinas reflete a constante dinâmica do sistema internacional.

Resumidamente, a corrida por vacinas contra a Covid-19 expõe as complexas interações entre poder, interesses econômicos e solidariedade global. A diplomacia das vacinas da China é um exemplo notório dessa dinâmica, ressaltando a necessidade de compreender as implicações geopolíticas e econômicas da luta contra a pandemia em um mundo interconectado. Por fim, considerando a influência e importância da economia chinesa no sistema global, o próximo passo nesta pesquisa seria compreender as razões subjacentes à China ao emular o comportamento de um país central. Em um mundo onde o capitalismo atua como força motriz e onde economia e sociedade estão intrinsecamente interligadas, é fundamental investigar as consequências para os países subordinados à China no sistema global, que estão condicionados ao subdesenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim – origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- BANCO MUNDIAL. World Development Indicators Database. Total GDP 2002. World Bank, July 2003. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/data/>>. Acesso em: 10/10/2023.
- CASTILLLO, B., Pacifico, A. P., & Silva, A. P. M. (2020). Transferência Produtiva, Teoria da Dependência e Flying Geese: A África na Realocação Chinesa. *Conjuntura Global*, 9(2). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjgloblal/article/view/74480>. Acesso em 23 de outubro de 2023.
- CEPAL, N. U. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. 2000.
- CHINA COVID-19 Vaccine Tracker. Bridge Consulting Beijing, 2022. Disponível em: <https://bridgebeijing.com/our-publications/our-publications-1/china-covid-19->

vaccines- tracker/. Acesso em: 20/10/2023.

CHINA'S Xi backs WHO-led review of covid-19 outbreak. **The Washington Post**, 18 maio. 2020. Disponível em:

https://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/chinas-xi-backs-who-led-review-of-covid-19-outbreak-proposes-aid-for-developing-world/2020/05/18/911a1544-98df-11ea-ad79-eef7cd734641_story.html. Acesso em:

30/09/2023.

CHITOUR, Hind-Louiza. Big Pharma in China—the driving forces behind their success—A qualitative analysis. *Chinese Studies*. v. 2, n. 4, p. 169-177, 2013. Disponível em:

<<http://www.scirp.org/journal/chnstd> >. Acesso em: 30/09/2023.

COELHO, D. B.; MASIERO, G.; CASEIRO, L. A ascensão da China e seus reflexos no Brasil: fundamentos e evidências para uma estratégia de desenvolvimento. *Revista Brasileira de Inovação*, Campinas, SP, v. 14, p. 85–108, 2015. DOI: 10.20396/rbi.v14i0.8649101. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8649101>. Acesso em: 30/09/2023.

FEATURE: Cooperating with China, Egypt eyes becoming regional hub for COVID-19 vaccine production. **Xinhua News**, 07 setembro. 2021. Disponível em: http://www.news.cn/english/africa/2021-09/07/c_1310173667_2.htm. Acesso em: 15/10/2023.

JUNQUEIRA, E. A diplomacia global de saúde chinesa: Histórico e evolução em tempos de pandemia. *Seminário Pesquisar China Contemporânea*, [S. l.], n. 4, p. 14–15, 2021. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/chinabrasil/article/view/3510>. Acesso em: 18/10/2023.

LI, Shubo. *Mediatized China-Africa Relations*. Singapura: Palgrave Macmillan, 2017. MAIOR cooperação internacional para a distribuição equitativa de vacinas. **Folha de São Paulo**, 19 ago. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/maior-cooperacao-internacional-para-a-distribuicao-equitativa-de-vacinas.shtml>. Acesso em:

Acesso em:

18/10/2023.

MARINI, Ruy Mauro. *Subdesenvolvimento e Revolução na América Latina*. Iniciativas Editoriais, 1975.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 5 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

POR vacina da Covid-19, China emprestará US\$ 1 bilhão a América Latina e Caribe. **CNN Brasil**, 23 julho. 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/por-vacina-da-covid-19-china-emprestara-us-1-bilhao-a-america-latina-e-caribe/>. Acesso em: 16/09/2023.

PREBISCH, Raúl. La periferia latinoamericana en el sistema global del capitalismo. *Revista de la CEPAL*. n. 13, p.163-171, abr. 1981.

RESERVAS cambiais na China aumentam US\$ 17 bilhões em outubro. **CNN Brasil**, 07 set. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/reservas-cambiais-na-china-aumentam-us-17-bilhoes-em-outubro/>. Acesso em: 23/09/2023.

SANTOS, Theotônio dos. “A teoria da dependência: um balanço”. In: _____. *Teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

2000.

THE Forum on China-Africa Cooperation (FOCAC), 2021. Disponível em:
http://www.focac.org/eng/gdtp/202112/t20211202_10461080.html. Acesso em:
13/09/2023.

XI Focus: China's endeavor to maintain economic growth amid COVID-19 fight.
Xinhua News, 21 abril. 2022. Disponível
em:

<https://english.news.cn/20220421/0843b6ac530543ea94a25986bfef72f4/c.html>.

Acesso em: 13/09/2023.

MAIOR cooperação internacional para a distribuição equitativa de vacinas. **Folha de São Paulo**, 19 ago. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/maior-cooperacao-internacional-para-a-distribuicao-equitativa-de-vacinas.shtml>. Acesso em: 22/08/2023.

XI Focus: China's endeavor to maintain economic growth amid COVID-19 fight.

Xinhua News, 21 abril. 2022. Disponível em:

<https://english.news.cn/20220421/0843b6ac530543ea94a25986bfef72f4/c.html>.

Acesso em: 13/09/2023.